



US NAVAL ACADEMY – VISÃO DE UM ASPIRANTE

Como sugere o título, o objetivo deste artigo é tentar passar ao leitor, brevemente, as experiências que dois Aspirantes brasileiros – Aspirante (CA) Coimbra e Aspirante (FN) Aquino – vivenciaram em Annapolis, Maryland, na US Naval Academy.

Asp (CA) Victor C. Coimbra da Silva e Asp (FN) Rafael de Aquino Hernandes

UM POUCO DE HISTÓRIA – FORT SEVERN E A NAVAL ACADEMY

Logo ao chegarmos à Academia no dia de sábado, conduzidos pelo Capitão de Corveta Perrota, começamos a nos surpreender: O Yard – como é conhecido o gigantesco *campus* da Academia – é uma verdadeira aula viva sobre a História da Marinha Americana e os feitos de seus grandes Heróis, além de um lugar belíssimo. Às margens do Severn River, os prédios da Academia se erguem angulosos e imponentes, recebendo todos nomes de vultos navais, juntamente com inúmeros bustos e estátuas que também prestam homenagens a grandes homens e seus feitos.

Fundada em 1845, impressionou-nos descobrir que a Academia, por ocasião de sua fundação, contava com apenas 50 Midshipmen e 7 professores e que hoje, decorridos pouco mais de um século e meio, atinge a marca de 4400 Midshipmen com cerca de 600 professores (entre militares e civis).

Após termos sido apresentados aos Midshipmen que iriam nos acompanhar, fomos levados aos camarotes que iríamos ocupar no Bancroft Hall (o conjunto de prédios interligados nos quais se localizam os camarotes e os comandos das companhias), onde pudemos



ocupar camarotes separados, a fim de que pudéssemos realizar uma imersão total no idioma.

O DIA A DIA DOS MIDSHIPMEN – ROTINA DOS ASPIRANTES

Durante o período em que estivemos na US Naval Academy (a partir de agora, chamaremos de USNA), tivemos a oportunidade de vivenciar *in loco* a rotina (um modelo simplificado consta abaixo) de seus Aspirantes e participar de diversas atividades extremamente interessantes. Pudemos, por exemplo, assistir a aulas de Controle de Sistemas, Estruturas, Civilização Ocidental, Geografia Econômica, Engenharia Elétrica, entre outras.

Participamos também de atividades profissionais de Fuzileiros Navais e Oficiais de Superfície (Marine Corps Practicum and the SWO Practicum), aulas de Artes Marciais e tivemos a chance de participar do que lá é conhecido como Yard Patrol Lab, que consiste no que conhecemos como Saída-Tipo nos Avisos de Instrução.

Nas duas semanas em que lá estivemos, percebemos que a rotina básica dos “Mids” (abreviatura para Midshipmen, pela qual os Aspirantes chamam uns aos outros mais comumente) é muito semelhante à de nossa Escola Naval, com a diferença de que lá, mais semelhante a uma Universidade, o aluno escolhe uma



graduação e monta seus horários baseados numa grade básica, semelhante a que se segue na página 54:

Cabe ressaltar que esse é o currículo base e que, além das matérias acima, o Midshipman deve cursar as matérias obrigatórias e eletivas relativas ao curso que escolheu. Dentre os 22 cursos que a Academia oferece estão os seguintes: Engenharia Elétrica, Engenharia Aeroespacial, Química, Ciências da Computação, Engenharia Mecânica, Oceanografia, Física, Matemática, Economia, Inglês, Engenharia de Sistemas, História, Chinês, Árabe, Ciências Políticas etc.

0600	Personal Conditioning
0700	Formation & Breakfast
0800	
0900	
1000	1st - 4th Academic Periods
1100	
1200	
1300	Formation & Lunch
1400	
1500	5th – 6th Academic Periods
1600	
1700	Athletic Period
1800	
1900	Formation & Dinner
2000	
2100	
2200	Academic Study Period
2300	

“PLEBES AND FIRSTIES” – OS “RANKS” DA ACADEMIA

Na segunda-feira que se seguiu a nossa chegada, passamos a vivenciar a realidade diária dos Midshipmen da Brigada (Brigade of Midshipmen) e constatamos diversos fatos curiosos. Primeiramente, constatamos que os primeiroanistas eram chamados de “Plebés”, uma alusão à palavra latina para Plebeus, que seriam a classe mais baixa dos cidadãos romanos. Por ser um ano que caracteriza a transformação da vida civil para a vida militar, os “Plebés” tinham uma série de regras de procedimentos e tarefas que lhes eram atribuídas e iam desaparecendo conforme se tornavam mais antigos dentro da hierarquia (“Ranks”) na Academia.

Dentre essas regras e tarefas, algumas chamaram mais a nossa atenção: “Square Corners”, “Beat Army” e o “Blue and Gold”. Os “Plebés”, além de correr como diversos calouros de Academias militares, não



podem fazer curvas e, portanto, devem “Square Corners”, que consiste em somente se deslocar em linha reta. Para mudar de direção, os Midshipmen do primeiro ano devem fazer ângulos de 90 graus e gritar duas frases que inundam os corredores da academia: “GO NAVY, SIR!” ou “BEAT ARMY, SIR!”.

Além disso, diariamente os “Plebes” se reúnem ao final do dia (por volta das 22h) nos corredores dos camarotes, sob a supervisão dos veteranos das companhias (ou “Firsties”, referência a First Class, como são chamados os quartoanistas), a fim de refletir sobre os fatos ocorridos no dia, elogiar aqueles que se tenham destacado, corrigir e orientar os procedimentos incorretos. Ao final dessas reuniões, os “Plebes” diariamente cantam o “Blue and Gold”, a canção da Academia. Trata-se de um espetáculo à parte, em que verificamos uma das várias oportunidades que os “Firsties” têm de exercer a sua liderança.

Falando em “Firsties”, um tema fundamental são os

Aspirantes do Quarto Ano, que, além de terem mais privilégios (são os únicos autorizados a estacionar no *campus*, têm um número de licenças maior etc.), têm, obviamente, mais deveres. Além de toda preocupação com os estudos e com os esportes, eles são responsáveis por comandar a Brigada, que é composta por dois Regimentos com três Batalhões cada, compondo um total de 30 companhias. Toda essa estrutura é encabeçada pelo “Brigade Staff”, que são os Oficiais-Alunos, selecionados a cada seis meses para ocupar os cargos de Comando e outras funções administrativas de relevância da Brigada.

No topo da Hierarquia da Brigada, está o “Brigade Commander”, correspondente na nossa concepção ao Comandante-Aluno, que tivemos a surpresa (dado ao fato de não termos mulheres em nossa Escola Naval) de ser uma mulher, cuja opção de carreira foi ser piloto do Marine Corps (Corpo de Fuzileiros Navais). Isso traz à tona o assunto da entrada das mulheres na USNA, que ocorreu em 1976, quando o Congres-

4/C Year		3/C Year		2/C Year		1/C Year	
Seamanship	Intro to Navigation	Navigation	Ethics	Tactics	Leadership	Law for JO's	JO Practicum
Chemistry I	Chemistry II	Physics I	Physics II	Electrical Eng. I	Electrical Eng. II	Technical Elective	Weapons Systems
Calculus I	Calculus II	Calculus III	4 th Math Course		Ship Propulsion	Warfare Systems	Control Systems Lab
English I	English II	Civilization I	Civilization II				
Naval History	U.S. Government			Humanities Elective		Humanities Elective	
Swimming I	Boxing / Wrestling	Swimming II	Martial Arts I	Personal Conditioning	Martial Arts II	Elective	Warfare Related

so Americano autorizou a admissão de mulheres nas Academias Militares. Chamou-nos a atenção que não havia distinção de alas entre os camarotes femininos e masculinos, apenas a regra de que, quando dentro do mesmo camarote estivessem Aspirantes de sexo diferentes, a porta deveria permanecer aberta.

Ainda durante a primeira semana em que visitamos a USNA, acompanhamos um período complicado para os Aspirantes – e dizemos complicado para quaisquer Aspirantes de qualquer Academia do mundo! –, o período de testes. Era impressionante o ritmo acelerado que os “Mids” imprimiam à sua rotina nas provas de meio de período: andavam quase correndo no Yard ao irem de uma sala a outra, faziam as refeições rapidamente para terem mais tempo para estudar, em qualquer tempo vago estavam puxando uma folha em que pudessem dar uma última olhada antes da prova, viravam noites estudando etc. Coisas que todo Aspirante já fez!

NEW YORK E WASHINGTON

Em nosso tempo livre, aproveitamos para fazer passeios turísticos a duas cidades espetaculares: New York e Washington.

NYC visitamos num final de semana coincidente com o Valentines’ Day e o President’s Day, e presenciamos uma New York lotada, fato que a tornava ainda mais bonita. Visitamos diversos pontos turísticos famosos que borbulhavam de pessoas de todas as nacionalidades: Times Square, Rockefeller Center, Chrysler Building etc.

Na “Big Apple”, tivemos a chance única de caminhar pelo Central Park enquanto comíamos o tradicional (e pelo qual ansiamos, curiosos) “hot dog” de NY e, também, assistimos a uma peça do circuito Broadway, que com certeza contribuiu para nosso enriquecimento cultural.

Já em Washington, capital norte-americana, no último fim de semana, visitamos pontos que transbordavam de cultura, história e do patriotismo Americano. Acompanhados do Comandante Perrota, conhecemos o Vietnam Veterans Memorial, o Thomas Jefferson Memorial, Washington Memorial e o Lincoln Memorial. Passamos também pela Casa Branca e pelo Capitólio e descobrimos que não é só Política a tradição da cidade. Descendo pela Constitution Avenue, chegamos ao enorme complexo de museus chamado Smithsonian, onde visitamos o Museu Aeroespacial.

Antes de voltarmos a Annapolis, pudemos presenciar, um fantástico pôr do sol à beira do Potomac

River e sair da cidade satisfeitos por uma visita magnífica.

O FIM

No fim do intercâmbio, tendo passado duas semanas inteiras na maior Academia Naval do mundo, pudemos perceber como são muitas as semelhanças que nos unem enquanto Marinhas, nas diversas tradições e procedimentos, e também como são vários os traços que nos diferenciam, enquanto culturas de povos diferentes.

Mas, acima de tudo, saímos com a satisfação de não termos nenhum sentimento de inferioridade no que diz respeito a nossa Escola Naval e a nossa formação de Oficiais. Por isso, Aspirantes que lêem este artigo, fiquem tranquilos e felizes por cursarem a Escola Naval, cujas instalações não ficam nada abaixo das de uma Marinha referência no mundo inteiro.

De volta ao Brasil, vem-nos a felicidade de estar de novo em casa e em nossa Escola e ficam as lembranças de andar apressadamente pelo “Yard”, dos conveses no Bancroft Hall (prédio dos camarotes) e das conversas animadas no King Hall (o rancho dos Aspirantes). Enfim, fica a expectativa de que sempre aumentem os laços que unem as Marinhas do Brasil e dos Estados Unidos da América.

